

**A NOMENCLATURA DE UTENSÍLIOS DA AGRICULTURA  
DE SUBSISTÊNCIA SOB O OLHAR SEMÂNTICO-LEXICAL:  
UM ESTUDO NA ZONA RURAL DE IRITUÍIA – PA**

**Eliete Cristina de Lima Rodrigues**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

([cristinaeliete38@gmail.com](mailto:cristinaeliete38@gmail.com))

**Rosiellem Cabral dos Passos de Almeida**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

([ellemcabral@gmail.com](mailto:ellemcabral@gmail.com))

**Mayra Natalya Balbino de Souza**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

([natalyamayra12@gmail.com](mailto:natalyamayra12@gmail.com))

**Resumo**

Este artigo apresenta uma pesquisa que teve como objetivo geral investigar a variação semântico-lexical na nomenclatura de utensílios da agricultura de subsistência em comunidades rurais de Irituíia - PA. Para tanto, buscou-se embasamento teórico nas respectivas bibliografias: Bagno (2007), Coelho (2015), Aragão (2016), Ribeiro (2016), Sanches (2014), entre outros. Na metodologia, selecionou-se o procedimento qualiquantitativo, por meio da aplicação de um questionário semântico-lexical aos sujeitos participantes da pesquisa, como forma de investigar a existência de variações do léxico entre as comunidades pesquisadas. Nos resultados, foi possível a sistematização das variantes e identificação das ocorrências na fala cotidiana dos indivíduos, por meio da variação diatópica, e concluiu que práticas sociais estão diretamente ligadas com a formação vocabular dos indivíduos do interior paraense, seja exercendo ou não o tipo de trabalho, sendo considerado uma herança familiar entre os indivíduos.

**Palavras-chave:** Agricultura de subsistência; Variação Lexical; Sociolinguística.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)

### **Eliete Cristina de Lima Rodrigues**

Possui graduação em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade do Estado do Pará (2024). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa.



[lattes.cnpq.br/7258406305800972](https://lattes.cnpq.br/7258406305800972)



[orcid.org/0009-0006-7986-0821](https://orcid.org/0009-0006-7986-0821)



### **Rosiellem Cabral dos Passos de Almeida**

Professora na Universidade do Estado do Pará (UEPA), além de possuir graduação em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade do Estado do Pará (2010), pós-graduação Lato Sensu em Língua e Literatura pela Escola Superior da Amazônia (2012) e pós-graduação Stricto Sensu em Educação pela Universidade Estadual do Pará (2013), atuando nos seguintes temas: Ensino, Linguagem, Gramática, Variação Linguística, entre outros afins.



[lattes.cnpq.br/5077126762366318](https://lattes.cnpq.br/5077126762366318)



[orcid.org/0000-0001-9601-7832](https://orcid.org/0000-0001-9601-7832)

#### **TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

## Mayra Natalya Balbino de Souza

Possui graduação em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade do Estado do Pará (2024). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, além de ser pós-graduanda Lato Sensu em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Venda Nova do Imigrante – FAVENI (2024).



[lattes.cnpq.br/9984671142136313](https://lattes.cnpq.br/9984671142136313)



[orcid.org/0009-0001-2891-3624](https://orcid.org/0009-0001-2891-3624)

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

## A NOMENCLATURA DE UTENSÍLIOS DA AGRICULTURA DE SUBSISTÊNCIA SOB O OLHAR SEMÂNTICO-LEXICAL: UM ESTUDO NA ZONA RURAL DE IRITUIA – PA

**Eliete Cristina de Lima Rodrigues**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

([cristinaeliete38@gmail.com](mailto:cristinaeliete38@gmail.com))

**Rosiellem Cabral dos Passos de Almeida**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

([ellemcabral@gmail.com](mailto:ellemcabral@gmail.com))

**Mayra Natalya Balbino de Souza**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

([natalyamayra12@gmail.com](mailto:natalyamayra12@gmail.com))

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua como objeto de estudo resultante das práticas sociais, por meio da interação dos indivíduos, possui influência direta de fatores externos, tais como: história, cultura, ideologias e outros, o que caracteriza sua heterogeneidade. Para Bagno (2007), a língua é uma atividade social que ocorre através de um trabalho coletivo praticado por seus falantes, cada vez que interagem por meio da fala e da escrita. A partir dessa afirmação, intentou-se uma pesquisa cujo objetivo é investigar a variação semântico-lexical na nomenclatura de utensílios da agricultura de subsistência em comunidades rurais de Irituia-PA.

Diante disso, a revisão de literatura possibilitou a compilação de materiais imprescindíveis para a sustentação e fundamentação da abordagem realizada a respeito das variações linguísticas. Foi ainda realizada pesquisa de campo com abordagem qualiquantitativa por meio de reflexões dos estudos sociolinguísticos e da utilização de questionário semântico-lexical durante a coleta de dados.

Assim, o texto encontra-se organizado de acordo com as seguintes seções: a primeira é sobre sociolinguística variacionista, elaborada para discutir a área de estudos e pesquisa denominada de Sociolinguística, passando pelo processo de variação linguística e suas divisões; na segunda seção, ocorre a discussão das chamadas ciências do léxico e tecemos

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

considerações a respeito do processo de variação lexical atrelada à Semântica; na terceira, apontam-se os aspectos metodológicos. A seção seguinte trata da sistematização e análise, seguidos da discussão dos dados da pesquisa, e, por fim, apresentamos as considerações finais da pesquisa, em que as discussões apresentadas são apontadas como motivo para a realização de novos estudos na área.

## A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Dentro do complexo campo da Linguística, encontra-se como uma de suas interfaces à Sociolinguística, com a responsabilidade de estudar as relações sociais da língua, ou seja, a língua empregada como fenômeno social, devido a característica de ser exterior aos falantes da sociedade. Trata-se de uma observação realizada por Saussure (2006) durante suas pesquisas, mas por ele não aprofundada em virtude de seu foco principal ter sido a estrutura interna da língua. Logo, o papel da sociolinguística considera as variedades sociais da língua.

É importante salientar que a sociolinguística já era estudada por outros pesquisadores, no início do século XX, tais como: Bakhtin, Millet, Benveniste e Jakobson. São teóricos que consideravam diversos fatores em suas pesquisas a respeito da essência social e capacidade de evolução da língua, mas foi somente com a teoria de Labov que os estudos variacionistas adquiriram importância uma vez que ocorreu toda a sistematização e consolidação do objeto de estudo na área. Diante disso, na década de 60, a proposta de Labov buscava estudar as relações entre a língua e a sociedade. Segundo Bagno,

(...) a sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada. O estudo da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado sobretudo por William Labov (nascido em 1927), que se tornou o nome mais conhecido da área (BAGNO, 2007, p. 28).

A ideia de Bagno (2007) está relacionada aos estudos da evolução de uma língua dentro de um determinado contexto social, pois há diferentes maneiras de usar a língua, variando de acordo com o grupo social de cada falante. É, pois, um fenômeno natural que está relacionado a fatores sociais, levando em consideração em decorrência do fato de que os indivíduos não falam da mesma forma.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

É comum observar que as diferentes maneiras de falar, sejam mais rápidas, ou mais lentas, podem variar de acordo com outras características diretamente associadas “à pronúncia característica de um dado país, uma dada região, um dado indivíduo” (FREITAG; LIMA, 2010, p. 23). A variação linguística não deve, pois, ser vista como um problema já que ela carrega os traços culturais na manifestação histórica de cada comunidade, ligada às diversas características utilizadas pelos grupos de falantes.

Com isso, em uma realidade de consolidação de teorias estruturalistas e gerativistas, a ênfase nos aspectos sociais da língua ganhou espaço para discussão teórica, a partir de novas delimitações de pesquisas, ao comprovar as diferenças da língua por meio de sua expressão em situações de comunicação distintas. No Brasil, por exemplo, durante a década de 70, o trabalho de Labov assume uma responsabilidade social de registro e conservação dos traços de variação da língua materna, assim como adquire uma expansão nas diferentes regiões do país, ainda que concentrada nos grandes centros urbanos.

A abordagem de Labov leva em conta que a variação linguística precisa deter-se às ações dos falantes ao interagir por meio da língua, definindo assim, as comunidades de falas, através de marcas sociais. Isso ocorre sem esquecer os aspectos heterogêneos inerentes à própria língua, o que caracteriza a sistematização da variação. Na contemporaneidade, as variações são divididas da seguinte forma:

Varição diatópica é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, como as grandes regiões, os estados, as zonas rural e urbana, as áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades etc.

Varição diastrática é aquela que se verifica na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais.

Varição diamésica é a que se verifica na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Na análise dessa variação é fundamental o conceito de gênero textual.

Varição diafásica é a variação estilística que vimos mais acima, isto é, o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal.

Varição diacrônica é que se verifica na comparação entre diferentes etapas da história de uma língua. As línguas mudam com o tempo e o estudo das diferentes etapas da mudança é de grande interesse para os linguistas. (BAGNO, 2007, pp. 46-47)

Com base na classificação acima, Bagno (2007) compreende que essas variações ocorrem em virtude de fatores socioculturais, visto que a utilização da língua em contato com grupos de falantes constitui essas relações, e influencia na fala de outros indivíduos. Dessa maneira, pode-se assegurar que as variantes são formas individuais presentes em uma variável, ou seja, é o próprio vocábulo que está em variação.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

Ainda sobre isso, na visão de Tarallo (2007), na Sociolinguística Variacionista são encontradas as variantes padrões, inseridas na língua materna que possuem prestígio entre os falantes letrados. Além disso, no meio social é perceptível a variante não padrão, geralmente marginalizada por determinados grupos sociais, devido ao próprio contexto de desenvolvimento e organização social, parte do cotidiano dos indivíduos. Portanto, é válido ressaltar a importância de diferenciar essas variantes.

As variantes padrão são, grosso modo, as que condizem com as prescrições dos manuais de norma padrão; já as variantes não padrão se afastam desse modelo. Mesmo que não seja a variante mais usada por uma comunidade, a variante padrão é, em geral, a variante de prestígio, enquanto a não padrão é muitas vezes estigmatizada por essa comunidade – pode haver comentários negativos à forma ou aos falantes que a empregam. Ademais, as variantes padrão tendem a ser conservadoras, fazendo parte do repertório linguístico da comunidade há mais tempo, ao passo que as variantes não padrão tendem a ser inovadoras na comunidade. (COELHO, 2015, p. 27)

As referidas variantes são usuais em diferentes contextos da língua, sejam por grupos de maior prestígio, sejam por situações cotidianas. Nesse sentido, a variante padrão é trabalhada na fala e escrita de alguns grupos sociais e em situações em que é exigida tal padronização, ao perceber que esses comentários negativos são colocados diante da maioria que não faz uso dela.

Perante o exposto, diz-se que as variedades, definidas como mudanças naturais da língua, estão atreladas às características de um determinado grupo populacional, abrangendo um sistema linguístico que apresenta suas especificidades na língua, já que “a variedade representa a fala de uma comunidade de modo global, considerando-se todas as suas particularidades, tanto categóricas quanto variáveis: é o mesmo que dialeto ou falar” (ALKIMIM, 2012, p. 42 *apud* PAULISTA, 2016, p. 164).

Assim, essas variedades refletem o modo de falar e escrever, levando em conta a língua como o centro da comunicação, pois cada falante possui um vocabulário próprio que usa em suas interações sociais, ajustando-o conforme a situação e as variantes da língua. Diante disso, é notório que a variação linguística está inserida em todos os contextos linguísticos, resultantes do comportamento dos próprios indivíduos em meio social.

Ademais, percebe-se que essa temática está relacionada aos estudos da Lexicologia amplamente interligada a essa área de saberes, e que, de certa forma, essa variação está ligada ao movimento natural de uma língua, enquanto o léxico faz o estudo de um vocábulo quanto à sua significação, trabalhando a origem de uma palavra e todos os aspectos descritivos, aprofundados nas seções posteriores.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

## LÉXICO E LEXICOLOGIA: ALGUNS APONTAMENTOS

O estudo do léxico abrange aspectos sociais e culturais de uma comunidade, pois, de acordo com Dubois *et al* (2006), o termo léxico na variação linguística corresponde ao conjunto de unidades que formam a língua de um grupo ou indivíduo, carregando uma série de fatores regionais, sociais, históricos, culturais e outros, mantendo a relação do falante com sua interpretação da realidade. Em suma, a variação lexical possibilita a sistematização das variantes utilizadas nas comunidades, uma vez que a língua “é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em construção” (BAGNO, 2007, p. 36).

A ideia de que a língua abrange fatores sociais, culturais e étnicos intrínsecos à história do corpo social que faz uso desses fatores revela que a análise linguística é um processo unificado a outras ciências humanas, ou seja, há uma ligação direta ou indireta entre essas áreas, demonstrando que uma complementa a outra. Dentre essas áreas, destacamos a Sociolinguística, a Lexicologia, a Lexicografia e a Morfologia, que se dedicam a observar e entender a dinâmica das palavras de uma determinada língua, a sua maneira de estudá-la, mantendo entre elas uma série de conexões. Dessa forma, torna-se importante a compreensão do conceito de Léxico e de algumas das subáreas que dele se ocupam e integram as chamadas Ciências do Léxico.

Sobre isso, é possível afirmar que o conceito de léxico pode ser compreendido como “vasto universo de limites imprecisos e indefinidos” (BIDERMAN, 1978 *apud* ARAGÃO, 2016, p. 35). Devido a isso, Biderman (1978) diz que o sistema do léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo, logo está ligado aos espaços nos quais possui interação da relação indivíduos e sociedade.

Vale ressaltar que, de modo algum, o léxico pode ser considerado universal, uma vez que, assim como pode haver acepções comuns a todas as culturas, o léxico de uma língua específica pode também expressar uma visão de mundo particular, de uma forma particular pela qual a língua está imersa na cultura, refletindo os dados culturais definidos por Borba (2006) como criações humanas materiais e imateriais. Assim, o léxico de uma língua permite que os falantes expressem e compartilhem suas crenças, valores, costumes e tradições. Ademais, para exemplificar essa abordagem, pode haver o léxico de uma comunidade regional, de um agricultor, da culinária, de um seringueiro. É certo que há uma infinidade de áreas semânticas, mas o propósito maior é demonstrar que, é no plano do léxico, que ocorre, com maior facilidade, a transmissão de visões de mundo ou até mesmo dos diversificados padrões culturais que uma determinada comunidade possui.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

O léxico, por sua vez, desperta o interesse em determinados ramos da linguística que buscam realizar estudos científicos, como a Lexicologia. Aragão (2016) afirma, com base em Coseriu, que a Lexicologia é um:

Ramo da linguística que estuda a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais da comunidade respectiva. Na lexicologia clássica se parte da palavra, como unidade natural das línguas naturais. Modernamente esta disciplina estuda a estrutura interna dos vocábulos; por exemplo: a análise componencial, suas regras de subcategorização e de inserção no marco oracional e suas modalidades morfológicas a partir de entidades subjacentes como os lexemas. (COSERIU, 1979, p. 111 *apud* ARAGÃO, 2016, p. 34)

Essa área se ocupa em estudar o léxico no seu mais amplo sentido, desde a sua estruturação, funcionamento e mudanças que ocorrem na língua, percebendo que suas ações em estudar o léxico de uma determinada língua sob diferentes perspectivas consideram todo o contexto de uso que envolve o universo lexical. Ainda sobre isso, Diedrich (2008, p. 144) explica que a Lexicologia está vinculada a outras áreas importantes da linguística, porque “aborda sua vinculação com a Fonologia e a Morfologia em relação à ‘forma das palavras’”. Também está alinhada com a Semântica em relação à ‘significação’ das palavras e com a Sintaxe ‘por suas propriedades combinatórias”, isto é, a necessidade das relações entre as diferentes vertentes, uma vez que uma não apaga a outra.

A Lexicologia trabalha diretamente com a formação de teorias, descrição e análise do léxico. Em definição proposta por Barbosa (1990, p. 157), “a lexicologia estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança”. Nesse cenário, não basta estudá-la isoladamente; torna-se fundamental realizar apontamentos da Lexicologia ao lado da lexicografia<sup>1</sup>, pois enquanto a Lexicologia trata de forma mais abrangente do estudo das palavras, a lexicografia, por sua vez tem a responsabilidade de realizar o levantamento e construção dos dicionários, muitas vezes, servindo de bases para os estudos lexicais, visto que realiza uma catalogação sistematizada do léxico de dada língua ou até mesmo a construção de pesquisas, cujo foco é a variação linguística.

---

<sup>1</sup> Ciência responsável por utilizar técnicas de construção de dicionários.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

## VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS: A RELAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL

A língua, em sua modalidade oral, está em incessante variação, e isso ocorre principalmente por fatores socioculturais. Com essa constante mudança nos âmbitos fonológico e lexical, é notória a ocorrência de variação lexical. Essa variação é conceituada “no uso de palavras diferentes por diferentes comunidades para designar os mesmos conceitos” (BARROS FERREIRA *et al* 1996, p. 480 *apud* FRANÇA NETO, 2018, p. 6). Ou seja, refere-se a vocábulos distintos para se referir ao mesmo significado.

A variação lexical dispõe de variados exemplos para identificação do seu uso na língua. Entre alguns desses exemplos, observa-se o fruto da “aboboreira”, nomeada como abóbora, conhecida por jerimum nas regiões Norte e Nordeste. Outro alimento muito consumido no Brasil é a carne seca, que passa por intensa desidratação. Ela é usualmente conhecida também por charque ou jabá em algumas regiões, principalmente na região Norte, no estado do Pará. Esses e outros exemplos podem ser observados de uma localidade para outra em decorrência da variação lexical.

Diante disso, é necessário pautar a relevância que as variações possuem no meio social, visto que, quando se utiliza a linguagem verbal, existe uma grande possibilidade de ocorrer um processo de influência entre diferentes grupos sociais. Por isso, as variações linguísticas são capazes de manter identidades de um povo, são constituídas por elementos históricos e carregam consigo a manifestação cultural de uma comunidade.

Outro fator importante é a significação atribuída aos itens lexicais<sup>2</sup>, como forma de melhor compreender alguns conceitos, iniciando pela definição “são os elementos básicos que utilizamos para formar enunciados” (BASÍLIO, 2007 *apud* SANCHES; SILVA, 2014, p. 305), pois é a partir desses elementos que o falante de uma determinada língua apresenta suas especificidades. Parase chegar à formação desses enunciados, há um vasto campo de características particulares que cada falante percorre, desde fatores como idade, sexo, nível de escolaridade, procedência geográfica, cultura, dentre outras, que certamente implicam na sua forma de falar, considerando que não existem falantes com um estilo único.

Nesse sentido, a variação lexical possibilita o trabalho de registro e catalogação tanto de componentes do léxico, quanto de os vocábulos de uma língua. Contudo, a listagem de vocábulos ou itens lexicais adquire uma espécie de formalização utilizada em diferentes contextos comunicacionais, isto é, a variação lexical é o sistema de documentação das palavras da língua. Com isso, tornou-se frequente de acordo com suas práticas sociais, tais como: região, faixa etária, posição social, e outras atribuições de nomes ao mesmo significante.

<sup>2</sup> São palavras simples e/ou grupos de palavras utilizadas na língua de grupos sociais e comunidades.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

Barros Ferreira (1996) conceitua a variação lexical como as diferentes classificações de um mesmo objeto; por exemplo, a palavra *mandioca* possui denominações distintas conforme a região do Brasil, um fenômeno recorrente no uso da língua materna do país, fruto de inúmeras variações e formações históricas.

A partir do que fora mencionado acima, cabe, enfim, estabelecer a relação da variação lexical com a Semântica. Para Ribeiro (2016, p. 10), “a semântica interessa-se, portanto, pelo estudo das relações entre as expressões linguísticas e os conceitos mentais associados a elas”, ou seja, é a parte da linguística que estuda os significados das palavras, dos símbolos, das frases; em outras palavras, de tudo que envolva a língua e esteja presente em um determinado contexto. Essa área dedica-se também ao estudo das distintas mudanças de significado que os itens lexicais podem ter dentro de diferentes contextos, visto que a variação está cada vez mais presente no convívio social dos indivíduos.

Atrelar o fenômeno da variação lexical com a significação dada a determinados itens lexicais ocorre quando o indivíduo faz uso de itens lexicais, utilizados em diferentes comunidades para designar um mesmo conceito. Tem-se como exemplo a palavra *balaios*: um cesto feito de palha, taquara, bambu, cipó, muito utilizado antigamente para o transporte de mantimentos ou para guardar objetos. Esse item lexical apresenta variação principalmente em comunidades da zona rural, em que o trabalho artesanal é muito utilizado. As variações lexicais geralmente encontradas são: *aturá* e *cangalha*. Assim, é notória a presença da noção de significação, algumas vezes diferentes, que o indivíduo atribui a esse elemento, sendo necessário relevar também o contexto de uso em que ele está inserido.

Nesse sentido, é necessário que o indivíduo compreenda desde cedo que a variação linguística, de forma geral, está presente no seu cotidiano, seja na sua comunidade, em sua família, em sua escola ou no seu convívio social como um todo, para, então, desenvolver o combate ao preconceito linguístico, e entender que não existe, na fala, “certo” e “errado”.

Assim, ao considerar que mesmo que, em um determinado diálogo, a fala não esteja dentro da norma padrão, pode haver a compreensão entre os interlocutores do que esteja sendo abordado na conversa. Dessa forma, nesta pesquisa parte-se da significação compreendida pelos informantes para chegar à variação correspondente, ou seja, faz-se uso da semântica – lexical para conhecer as nomenclaturas de utensílios da agricultura de subsistência.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

## O PERCURSO METODOLÓGICO

Em relação às ferramentas metodológicas, adotou-se o modelo da pesquisa de campo que “é a que se utiliza com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos sobre um problema” (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 219). Com isso, a realização deste trabalho voltou-se à investigação dos fenômenos presentes no léxico de duas comunidades, que mesmo próximas, apresentam variações importantes e que devem receber atenção.

No que diz respeito à abordagem, trata-se de um estudo que utiliza estratégias qualitativas e quantitativas, sendo a primeira definida da seguinte forma:

Trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa procura captar não só a aparência do fenômeno como também suas essências, procurando explicar sua origem, relações e mudanças, e tentando intuir as consequências. (OLIVEIRA, 2011, p. 24)

Em estudos com esse tipo de abordagem “há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes” (OLIVEIRA, 2011, p. 25), isto é, examina-se como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas, uma vez que o pesquisador deve atentar-se à significação que o entrevistado dá as coisas e à sua vida. Na perspectiva de Gil (2008), a pesquisa qualitativa é caracterizada pela utilização de materiais da área, isto é, bibliografias, periódicos, revistas, artigos com discussões a respeito do campo científico selecionado durante o desenvolvimento da pesquisa, a partir da classificação do autor de fontes primárias e secundárias.

A segunda abordagem é definida, ainda segundo Gil (2008), como aquelas pesquisas que consideram tudo o que possa ser contável, quantificável, ou seja, que seja gerado informações a partir de números na classificação dos termos. Logo, a abordagem quantitativa é usada na seleção e organização das variantes resultantes da resolução do questionário semântico-lexical, ao facilitar a sua organização.

Para a construção desta pesquisa, foram selecionadas duas abordagens, configurando uma espécie de intersecção, tendo sido necessário levar em consideração as teorias e/ou material bibliográfico da Sociolinguística, bem como a aplicação de questionário com o objetivo de coletar os dados para análise e fundamentação da pesquisa. Desta forma, a coleta de dados foi realizada mediante a utilização de um questionário baseado no material semântico-lexical do Atlas Linguístico do Brasil<sup>3</sup>, aplicado com moradores de duas comunidades rurais do município de Irituia - PA.

<sup>3</sup> Trata-se de um projeto de pesquisa desenvolvido a nível nacional durante a década de 50, com objetivo de descrever a língua falada no país, levando em consideração os níveis linguísticos dos falantes, ao proporcionar sistematização da língua falada pelos brasileiros de diferentes localidades e/ou regiões.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

Por esse viés, define-se questionário como uma técnica de pesquisa composta “por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses” (GIL, 2008, p. 121). Por isso, a escolha desse instrumento para a coleta de dados justifica-se por possibilitar um contato direto com os questionados e se familiarizar com o objeto de pesquisa e as comunidades pesquisadas.

O questionário é constituído por duas partes: a primeira apresenta informações básicas do informante, sendo nome, sexo, idade, escolaridade, profissão *etc.*; e a segunda é composta por um conjunto de dez perguntas referentes aos utensílios utilizados na agricultura de subsistência. As perguntas apresentadas visam ao direcionamento do informante para verbalizar o conceito ou noção, de acordo com a designação ou a referência da qual o questionado faz uso.

Conforme mencionado, a pesquisa foi realizada em duas comunidades situadas na zona rural do município de Irituia-PA, localizada no nordeste paraense, com aproximadamente 32.595 habitantes, segundo o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). A pesquisa focou nessas duas comunidades rurais de Irituia-PA devido à sua economia predominantemente agrícola e à produção de farinha e outros produtos agrícolas, pois algumas das fontes de renda dos cidadãos irituienses são a produção de farinha e outros produtos de origem agrícola, realizadas principalmente por famílias da região. Tem-se, portanto, uma economia municipal movimentada pela agricultura de subsistência.

A primeira comunidade, chamada Hebron, tem cerca de 130 famílias e 400 habitantes e se encontra localizada a 21 km da zona urbana do município de Irituia-PA. Inicialmente, como forma de primeiro contato com os colaboradores, ocorreu a apresentação da pesquisa para o representante comunitário; em seguida foi organizado o início das abordagens. Essas ocorreram na residência de cada colaborador, com uma breve sondagem para ratificar que se tratava de uma pesquisa científica. Foi feita a apresentação dos termos de autorização, deixando evidente que o participante não seria envolvido em situações de inconveniência, e também enfatizando a importância da aplicação do questionário e da contribuição dos indivíduos para obtenção de resultados do trabalho científico.

Nos termos de participação dos colaboradores havia cláusulas a respeito do uso de celulares para gravações de áudios e para o registro fotográfico, em casos necessários. Os celulares utilizados foram dos respectivos modelos: Samsung Galaxy A22 e Xiaomi Redmi Note 6 Pro. Além do questionário, já descrito, foram selecionadas imagens relacionadas a cada utensílio - tal recurso seria empregado, se, porventura, os participantes não recordassem qual era o objeto.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

Os sujeitos alfabetizados analisaram a escrita do termo de autorização para coleta de dados, e, em seguida, foram perguntados sobre agricultura de subsistência. Para aqueles que não conseguiam ler, foram repassadas todas as informações contidas no documento para as devidas autorizações. Ao total, foram aplicados dez questionários nesta região.

As aplicações ocorreram de forma sequencial na residência de cada colaborador, por meio de relatos sobre as próprias experiências com o trabalho na agricultura, além de explicações sobre como usavam os objetos em estudo.

Passando para a segunda comunidade, ela é nomeada São Benedito do Matotuí, está localizada a 28 km da zona urbana do município de Irituia-PA, com aproximadamente 160 famílias e 446 habitantes, observando-se uma quantidade superior de famílias em relação à comunidade anterior, o que se estima uma natalidade significativa.

À priori, foi realizada uma visita ao local, da mesma forma que ocorreu na comunidade anterior, para conhecer um representante daquela região e informar que se tratava de uma pesquisa científica, ressaltando a importância da participação dos habitantes daquela localidade. Por conseguinte, abordaram-se alguns moradores em suas residências com a aplicação do mesmo questionário aplicado na comunidade anterior. Foram realizadas 8 entrevistas.

No processo de visitação das localidades, observou-se, de maneira mais arraigada, a população das comunidades e, diante de tais observações, utilizou-se como critérios que nortearam a escolha dos participantes a experiência com a profissão voltada para agricultura e a faixa etária de indivíduos idosos que atuaram e outros que ainda atuam nessa ocupação e jovens que também trabalham ou já trabalharam nessa área.

A seguir, elencam-se duas tabelas com a descrição de todos os colaboradores da comunidade Hebrom e, em seguida, da comunidade São Benedito do Matotuí. Por questões éticas da pesquisa, aplicou-se um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e seus respectivos nomes não serão revelados, cuja identificação atribuída foi "H" (H1, H2, H3, e assim sucessivamente) para a comunidade Hebrom e "B" (B1, B2, B3, e assim sucessivamente) correspondendo aos sujeitos de São Benedito do Matotuí.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

Colaboradores	Gênero	Idade	Escolaridade
H1	Feminino	28	Superior Incompleto
H2	Feminino	30	Fundamental Incompleto
H3	Feminino	62	Não Alfabetizada
H4	Feminino	65	Superior Completo
H5	Feminino	83	Não Alfabetizada
H6	Masculino	18	Médio Completo
H7	Masculino	26	Fundamental Incompleto
H8	Masculino	71	Alfabetizado
H9	Masculino	77	Não Alfabetizado
H10	Masculino	86	Alfabetizado

**Tabela 1 – Perfil dos colaboradores da Comunidade Hebrom**

Conforme informações acima, na comunidade Hebrom, obteve-se um total de dez colaboradores na pesquisa, considerando como fatores de análise: o gênero, a idade e a escolaridade. A organização ocorreu da seguinte forma: 5 participantes femininos e 5 masculinos; quanto à idade, foi considerado o mínimo de 18 anos e máximo de 86, obtendo-se 4 colaboradores com a faixa etária de 18 a 30 anos; 4 com idade entre 60 e 70, finalizando com 2 indivíduos acima de 80 anos. No que se refere ao grau de escolaridade, foi possível a identificação de 2 participantes com ensino superior completo; 1 com ensino médio; 2 com fundamental incompleto; 2 alfabetizados e 3 não alfabetizados, o que configurou um cenário de análise diverso.

Em seguida, apresenta-se a tabela com o total de indivíduos que participaram na Comunidade São Benedito do Matotuí.

Colaboradores	Gênero	Idade	Escolaridade
B1	Feminino	77	Não Alfabetizada
B2	Feminino	74	Alfabetizada
B3	Feminino	69	Fundamental Incompleto
B4	Feminino	23	Médio Completo
B5	Masculino	70	Alfabetizado
B6	Masculino	61	Fundamental Incompleto
B7	Masculino	28	Médio Incompleto
B8	Masculino	65	Não Alfabetizado

**Tabela 2 – Perfil dos colaboradores da Comunidade São Benedito do Matotuí**

Em comparação à comunidade anterior, em São Benedito do Matotuí, constatou-se um total de 08 colaboradores, dentro das características gênero, idade e escolaridade. O primeiro fator de análise contou com a participação de 4 mulheres e 4 homens; quanto à idade, ela correspondeu à mínima de 23 anos e máxima de 77 anos, sendo 2 colaboradores com idades entre 23 à 28 anos, 3 com variações entre 60 e 65 anos e 3 com a faixa etária de 70 a 77 anos; por fim, a escolaridade com a colaboração de 2 indivíduos, sendo 1 com ensino

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

médio completo e 1 com incompleto, 2 com o fundamental incompleto, 2 participantes alfabetizados e 2 não alfabetizados, responsável pela resolução do questionário semântico lexical.

### **ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DA NOMENCLATURA DE UTENSÍLIOS**

De forma geral, o questionário semântico lexical utilizado durante a pesquisa nas referidas comunidades apresentava dez perguntas a respeito dos instrumentos de trabalho da agricultura de subsistência, comuns no cotidiano dos sujeitos pesquisados. As respostas obtidas para análise foram dispostas em tabela única, tanto como síntese do estudo, quanto para facilitar a visualização organizada das informações coletadas.

#### **TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

TERMO	VARIANTE	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS					
			COMUNIDADE HEBROM			COMUNIDADE SÃO BENEDITO DO MATOTUÍ		
			Gênero	Idade	Escolaridade	Gênero	Idade	Escolaridade
<b>BALAIÓ</b>	Aturá	<b>6 ocorrências</b>  (1) Hebron (5) São Benedito do Matotuí	<b>01 MULHER</b>	65 anos	Superior Completo	<b>03 MULHERES</b>	23 anos	Médio Completo
							69 anos	Fundamental Incompleto
							74 anos	Alfabetizada
						<b>02 HOMENS</b>	28 anos	Médio Completo
					61 anos	Fundamental Incompleto		
	Caçuá	<b>2 ocorrências</b> (2) Hebron	<b>02 MULHERES</b>	62 anos	Não Alfabetizada			
	Cesto	<b>4 ocorrências</b> (2) Hebron (2) São Benedito do Matotuí	<b>02 MULHERES</b>	83 anos	Não Alfabetizada	<b>01 MULHER</b>	77 anos	Não Alfabetizada
				30 anos	Fundamental Incompleto	<b>01 HOMEM</b>	65 anos	Não Alfabetizado
	Paneiro	<b>4 ocorrências</b> (4) Hebron	<b>02 MULHERES</b>	28 anos	Superior Incompleto			
				65 anos	Superior Completo			
<b>02 HOMENS</b>			26 anos	Fundamental Incompleto				
			86 anos	Não alfabetizado				

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

CAVADEIRA	Cavador	<b>1 ocorrência</b> (1) Hebron	<b>01 MULHER</b>	62 anos	Não Alfabetizada			
	Draga	<b>17 ocorrências</b> (9) Hebron (8) São Benedito do Matotuí	<b>04 MULHERES</b>	28 anos	Superior Incompleto	<b>04 MULHERES</b>	23 anos	Médio Completo
				30 anos	Fundamental Incompleto		69 anos	Fundamental Incompleto
	65 anos	Superior Completo	74 anos	Alfabetizada				
83 anos	Não alfabetizada	77 anos	Não Alfabetizada					
			<b>05 HOMENS</b>	18 anos	Médio Completo	<b>04 HOMENS</b>	28 anos	Médio Incompleto
				26 anos	Fundamental Incompleto		61 anos	Fundamental Incompleto
				71 anos	Alfabetizado		65 anos	Não Alfabetizado
				77 anos	Não Alfabetizado		70 anos	Alfabetizado
				86 anos	Alfabetizado			
	Ferro de Cova	<b>1 ocorrência</b> (1) Hebron	<b>01 MULHER</b>	65 anos	Superior Completo			
FORQUILHA	Ancinho	<b>17 ocorrências</b> (9) Hebron (8) São Benedito do Matotuí	<b>04 MULHERES</b>	30 anos	Fundamental Incompleto	<b>04 MULHERES</b>	23 anos	Médio Completo
				62 anos	Não Alfabetizada		69 anos	Fundamental Incompleto
				65 anos	Superior Completo		74 anos	Alfabetizada
				83 anos	Não Alfabetizada		77 anos	Não Alfabetizada

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

<b>FORQUILHA</b>			<b>05 HOMENS</b>	18 anos 26 anos 71 anos 77 anos 86 anos	Médio Completo Fundamental Incompleto Alfabetizado Não Alfabetizado Alfabetizado	<b>04 HOMENS</b>	28 anos 61 anos 65 anos 70 anos	Médio Incompleto Fundamental Incompleto Não Alfabetizado Alfabetizado
	Restelo	<b>1 ocorrência</b> (1) Hebron	<b>01 MULHER</b>	28 anos	Superior Incompleto			
<b>MOENDA</b>	Engenhoca	<b>5 ocorrências</b> (3) Hebron (2) São Benedito do Matotuí	<b>03 MULHERES</b>	28 anos 62 anos 65 anos	Superior Incompleto Não Alfabetizada Superior Completo	<b>02 HOMENS</b>	28 anos 70 anos	Médio Completo Alfabetizado
	Moedor de Cana	<b>1 ocorrência</b> (1) Hebron	<b>01 MULHER</b>	30 anos	Fundamental Incompleto			
	Moinho	<b>1 ocorrência</b> (1) Hebron	<b>01 HOMEM</b>	18 anos	Ensino Médio Completo			
	Sarilho	<b>6 ocorrências</b> (2) Hebron (4) São Benedito do Matotuí	<b>01 MULHER</b>	83 anos	Não Alfabetizada	<b>02 MULHERES</b>	74 anos 77 anos	Alfabetizada Não Alfabetizada

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

			<b>01 HOMEM</b>	86 anos	Alfabetizado	<b>02 HOMENS</b>	61 anos	Fundamental Incompleto
							65 anos	Não Alfabetizado
<b>TIPITI</b>	Tipiti	<b>17 ocorrências</b> (9) Hebron (8) São Benedito do Matotuí	<b>05 MULHERES</b>	28 anos	Superior Incompleto	<b>04 MULHERES</b>	23 anos	Médio Completo
				30 anos	Fundamental Incompleto		69 anos	Fundamental Incompleto
				62 anos	Não Alfabetizada		74 anos	Alfabetizada
				65 anos	Superior Completo		77 anos	Não Alfabetizada
				83 anos	Não Alfabetizada			
			<b>04 HOMENS</b>	18 anos	Médio Completo	<b>04 HOMENS</b>	28 anos	Médio Incompleto
				26 anos	Fundamental Incompleto		61 anos	Fundamental Incompleto
				71 anos	Alfabetizado		65 anos	Não Alfabetizado
	86 anos	Alfabetizado		70 anos	Alfabetizado			
	Prensa	<b>1 ocorrência</b> (1) Hebron	<b>01 HOMEM</b>	77 anos	Não Alfabetizado			

Tabela 3 – As variantes na Comunidade Hebrôm e São Benedito do Matotuí

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

Na comunidade Hebron, observou-se, dentro dos fatores de análise, que a principal diferença foi o número maior de colaboradores em relação ao da comunidade São Benedito do Matotuí; quanto à idade e escolaridade foi refletida nos dados a participação de jovens, adultos e idosos classificados dentro de uma faixa etária que variou de 18 a 86 anos.

No critério escolaridade, os sujeitos do sexo feminino apresentaram grau de instrução concluídos em comparação aos do gênero masculino, isto é, mulheres com formação escolar concluída, assim como pessoas mais velhas, foram identificadas em maior parte como não alfabetizados, inseridos no contexto de trabalho com a agricultura de subsistência, práticas herdadas culturalmente e historicamente, principalmente em regiões de interiorização do Pará.

Na comunidade São Benedito do Matotuí, obteve-se a participação de oito colaboradores na pesquisa, o que configurou dois participantes a menos do que na comunidade anterior. Nas análises, percebeu-se que a diferença de idades foi entre 23 a 77 anos entre homens e mulheres, sendo o maior número de mulheres idosas. No quesito formação escolar, o maior grau de escolaridade foi o ensino médio completo.

Em ambas as localidades se constatou um total de 18 sujeitos pesquisados, em que 13 indivíduos apresentaram conhecimentos básicos de leitura e escrita e cinco participantes não alfabetizados, destacando apenas duas participantes, sendo uma com ensino superior completo e outra ainda cursando o nível superior, o que resultou nas variações expostas posteriormente.

Sobre as perguntas, iniciamos pelo resultado referente à questão 1 (*Como se chama o cesto grande feito de palha, taquara, bambu, cipó, usado para o transporte ou para guardar objetos?*). De acordo com o dicionário Houaiss (2001), o termo que remete à pergunta é *balaio*. Cesto grande feito de palha, taquara, bambu, cipó *etc.*, para transporte ou para guardar objetos. Os agricultores da comunidade Hebron se referiram a esse termo utilizando quatro variantes: *aturá, caçuá, cesto e paneiro*. Já na localidade São Benedito do Matotuí, agricultores atribuíram ao termo *balaio* um total de duas variantes: *aturá e cesto*.

Ao buscar o significado dessas variantes no dicionário, têm-se algumas definições: de acordo com Houaiss (2001), a variante *aturá* é um cesto grande e alto, de formato cilíndrico, que os índios carregam nas costas para transportar sementes, frutas *etc.* Deste modo, vê-se que essas características se assemelham ao termo da questão, ao ter sentido de “para transportar”, o que, de certa forma, coincide com uma das utilidades do *balaio*. As demais variantes também se encontram dicionarizadas, porém fazem referência a outras atividades voltadas para a agricultura, como por exemplo o transporte de objetos.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

De acordo com os termos mencionados nas duas comunidades, percebe-se a ocorrência de uma variação diatópica, sendo esta a responsável pela possibilidade de verificação da comparação entre os modos de falar de lugares diferentes, de acordo com o esperado na pesquisa desenvolvida na zona rural.

Recuperando a questão 2 (*Como se chama a peça de ferro presa a um cabo de madeira que serve para cavar buracos no solo?*), buscamos o dicionário Houaiss (2001), no qual encontramos a resposta *cavadeira*. Peça de ferro dotada de gume, plana e trapezoidal que, presa a um cabo de madeira, serve para abrir buracos no solo. Sobre esse termo, os agricultores de Hebron responderam apresentando três variantes: *cavador*, *draga*, e *ferro de cova*. Em São Benedito do Matotuí, surgiu apenas uma variante: *draga*.

Um fato curioso em relação a essa questão é que o sentido dicionarizado de *draga* exposto no Houaiss é distinto da utilização do utensílio na agricultura. Houaiss (2001) diz que o termo se refere a uma embarcação ou estrutura flutuante destinada a retirar areia, lama ou lodo do fundo do mar, de rios e canais. No que se refere à segunda variante denominada *cavador*, o dicionário define como aquele que cava, evidenciando sua aproximação da utilidade do termo *cavadeira*.

Em ambas as comunidades se notou a repetição da mesma variante com todos os colaboradores que responderam ao questionário semântico-lexical, decorrendo apenas duas variantes na primeira comunidade, identificando assim, a variação diatópica.

Sobre a questão 3 (*Como se chama o instrumento, que serve para juntar ou remover folhas e resíduos?*), o Dicionário Priberam, disponível de forma *on-line*, chama de *forquilha*, o utensílio agrícola composto por um longo cabo de madeira com dentes de ferro compridos, finos e bem separados, na extremidade. Na região Hebron obteve-se duas variantes: *ancinho* e *rastelo*, e em São Benedito do Matotuí, ocorreu somente a variante *ancinho*.

Há uma particularidade relevante a ser mencionada em relação a essa questão: o termo *forquilha* não apareceu nas respostas dos informantes obtidos, de acordo com as características do utensílio, a resposta recebida com maior frequência foi *ancinho*, faltando pouco para que ela se tornasse uniforme entre os questionados, portanto, fazendo-se necessário conhecer essa variante.

TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

De acordo com Houaiss (2001), *ancinho* é uma ferramenta agrícola constituída por uma travessa dentada (de madeira ou de ferro) presa a um longo cabo, próprio para arrastar e juntar palha, feno *etc.*, expondo que essas características são semelhantes com o termo principal, ao justificar o emprego maior dessa variante pelos agricultores.

Além disso, foi empregada também a variante *restelo*, que é um instrumento agrícola e de jardinagem composto por uma grade de dentes com cabo, utilizado para limpar, aplainar e afofar a terra, sendo um equipamento essencial para o preparo e manutenção do solo. Neste termo, observa-se novamente a repetição das mesmas variantes nas duas comunidades. Nesse cenário, ocorreu a verificação de apenas uma variante diferente das demais respondidas, o que corresponde a uma variação lexical por se tratar da mesma significação.

Na questão 4 (*Como se chama o conjunto de peças que serve para moer ou espremer certos produtos (especificamente a cana)?*), o termo dicionarizado, segundo Houaiss (2001) que remete a pergunta é *moenda*, cujo sentido denotativo é “moinho ou conjunto de peças num engenho que serve para moer ou espremer certos produtos”. No que diz respeito ao termo *moenda*, na localidade Hebron a atribuição de variantes alusivas às designações utilizadas pelos informantes foi diversificada, ocorrendo quatro variantes e sendo três entre elas semelhantes: *engenhoca*, *moedor de cana*, *moinho* e *sarilho*. No que concerne à comunidade São Benedito do Matotuí foram identificadas duas variantes, sendo elas: *Engenhoca* e *Sarilho*. Percebeu-se então, que as três variantes de fato possuem significado e finalidades semelhantes, já que, elas destinam-se a triturar ou moer algo.

No entanto, a variante *sarilho* possui sentido diferente no dicionário em comparação com o seu contexto de uso na agricultura, pois Houaiss (2001) afirma que *sarilho* é definido como um “cilindro horizontal móvel, acionado por manivela ou motor, em volta do qual se enrolam cordas ou cabos de aço, para levantar grandes pesos”. Logo, nota-se também que a ocorrência dessas variantes, é resultante da variação diatópica, já que foram verificadas duas variantes a mais na primeira comunidade, e, mesmo com ocorrências de vocábulos diferentes, trata-se do mesmo significado, o que é designado como variação lexical.

A variação é um fator social, pois está presente no convívio social das pessoas, haja vista que não existe um falar único, nem certo e errado; a língua está em constante modificação, de lugar para lugar, de pessoa para pessoa, de região para região e, assim sucessivamente, comumente utilizadas nas práticas linguísticas de indivíduos como membro de uma coletividade.

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

Na questão 5 (*Como se chama o utensílio feito de palha, em que se põe a massa de mandioca para ser espremida?*), recorreremos a Houaiss (2001), para quem o termo dicionarizado que remete a pergunta é *tipiti*, ou seja, um “cesto de palha na forma cilíndrica, que serve para espremer a mandioca”. Na Comunidade Hebrom, observou-se apenas uma variante para o termo mencionado: *prensa*. No que se refere à comunidade São Benedito do Matotuí, não houve variantes para o termo perguntado aos colaboradores que participaram da pesquisa.

Ao pesquisarmos o significado de *prensa*, observamos que Houaiss (2001) a define como “máquina ou instrumento destinado a comprimir ou achatar qualquer coisa entre suas duas peças principais”. Com isso, ao comparar o significado dessa variante com o termo correspondente a questão, há certa semelhança entre as finalidades desses utensílios, visto que a prensa pode ser utilizada mesmo que de forma diferente para comprimir a massa da mandioca. Mediante o exposto, apresentam-se as ocorrências das variações lexicais mencionadas pelos colaboradores, e a partir disso, o quantitativo de homens e mulheres das duas localidades.

As análises foram organizadas conforme a relação gênero, participantes femininos e masculinos, idade mínima de 18 anos e máxima de 86, e grau de escolaridade, atentando-se para as diferenças sutis apresentadas pelos informantes tanto em Hebron, quanto em São Benedito do Matotuí. Tais critérios permitiram identificar os dados abaixo.

Na Comunidade Hebrom para o termo *Balaio*, ocorreram as variações lexicais: *aturá* (1 ocorrência – mulher de 65 anos, com ensino superior completo), *caçua* (2 ocorrências – mulheres de 62 anos, não alfabetizadas), *cesto* (2 ocorrências – mulher de 30 anos com fundamental incompleto; mulher de 83 anos não alfabetizada) e *paneiro* (4 ocorrências – mulher de 28 anos com superior incompleto; mulher de 65 anos com superior completo; homem de 26 anos com fundamental incompleto; homem de 86 anos, não alfabetizado).

Para o termo *cavadeira*, as variações lexicais foram: *cavador* (1 ocorrência – Mulher de 62 anos não alfabetizada); *draga* (9 ocorrências – quatro mulheres de idades e escolaridade respectivamente: 28, 30, 65 e 83 anos, com Superior Incompleto, Fundamental Incompleto, Superior Completo e Não Alfabetizada, além de cinco homens com as seguintes idade e formação escolar: 18, 26, 71, 77 e 86 anos, sendo Médio Completo, Fundamental Incompleto, Alfabetizado, Não Alfabetizado e Alfabetizado), e *ferro de cova* (1 ocorrência – Mulher de 65 anos, com superior completo).

#### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

No termo *forquilha*, ocorreram as variações lexicais: *ancinho* (9 ocorrências – 04 mulheres de idades: 30, 62, 65 e 83 anos, com Fundamental Incompleto, Não alfabetizada, Superior e Não Alfabetizada e cinco homens com as seguintes idades e formação escolar: 18, 26, 71, 77 e 86 anos, sendo Médio Completo, Fundamental Incompleto, Alfabetizado, Não Alfabetizado e Alfabetizado), e *restelo* (1 ocorrência – Mulher de 28 anos com Superior Incompleto).

Para o termo *moenda*, as variações presentes foram: *engenhoca* (3 ocorrências – 3 mulheres de idades: 28, 62 e 65 anos, com Superior Incompleto, Não alfabetizada e Superior Completo), *moedor de cana* (1 ocorrência – mulher de 30 anos Fundamental Incompleto), *moinho* (1 ocorrência – homem de 18 anos com Médio Completo), e *sarilho* (2 ocorrências – mulher de 83 anos, não alfabetizada e homem de 86 anos alfabetizado). Por fim, no termo *tipiti*, houve apenas a variante *prensa* (1 ocorrência – homem de 77 anos, não alfabetizado).

Na comunidade São Benedito do Matotuí, para o vocábulo *balaio*, foram verificadas as seguintes variações lexicais: *aturá* (5 ocorrências – três mulheres de 23, 69, 74 anos, com Médio Completo, Fundamental Incompleto e Alfabetizada e dois homens de 28 e 61 anos com Médio Completo e Fundamental Incompleto), e *cesto* (2 ocorrências – uma mulher de 77 anos não alfabetizada e um homem de 65 anos não alfabetizado). No vocábulo *cavadeira* teve a ocorrência da variação lexical *Draga* (8 ocorrências – 4 mulheres de 23, 69, 74 e 77 anos, Médio Completo, Fundamental Incompleto Alfabetizada e Não Alfabetizada e quatro homens de idades: 28, 61, 65 e 70 anos, com Médio Incompleto, Fundamental Incompleto, Não Alfabetizado e alfabetizado).

No vocábulo *forquilha*, a variação mencionada foi *ancinho* (8 ocorrências– 04 mulheres de 23, 69, 74 e 77 anos, Médio Completo, Fundamental Incompleto Alfabetizada e Não Alfabetizada e quatro homens de idades: 28, 61, 65 e 70 anos, com Médio Incompleto, Fundamental Incompleto, Não Alfabetizado e alfabetizado). E no vocábulo *moenda*, as variações mencionadas foram: *engenhoca* (2 ocorrências – dois homens de 28 e 70 anos, Médio Incompleto e Alfabetizado) e *Sarilho* (4 ocorrências – duas mulheres de 74 e 77 anos, alfabetizada e não alfabetizada, e dois homens de 61 e 65 anos, com Fundamental Incompleto e Não alfabetizado). Já para o termo *tipiti*, na referida localidade não houve nenhuma variante.

Diante dos termos apontados, a variação diatópica sobressaiu sobre os outros tipos, visto que a maior parte dos participantes nomearam o utensílio com a mesma variante, surgindo apenas mudanças nas nomeações em indivíduos mais velhos, tanto do gênero masculino quanto feminino. Além disso, foi notório que independente da formação escolar, todos os sujeitos conheciam os instrumentos pesquisados, uma vez que fazem parte do cenário social vivenciados por eles, o que demonstra também serem aprendizagens passadas de uma geração a outra de forma histórica e cultural.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, relacionada ao estudo semântico-lexical da nomenclatura de utensílios da agricultura de subsistência, realizada nas zonas rurais do município de Irituia-PA, destaca as variações lexicais entre os falantes de duas comunidades distintas, na qual foram sondados sujeitos com idades diferentes para averiguar a variação entre as duas populações.

Para tanto, realizou-se discussões ao longo deste trabalho sobre as contribuições da Sociolinguística Variacionista, também chamada de Laboviana, devido às contribuições de William Labov, ao propor estudo sistematizado das variações da língua dentro das diversas práticas sociais, por meio de possibilidades de trabalho com a riqueza vocabular presente em um país. Em paralelo, também foi importante a abordagem da Lexicologia, na tentativa de explicar de forma conceitual a origem, formação e significado das palavras.

Nesse sentido, com a aplicação da pesquisa, identificou-se mediante critérios de avaliação definidos como gênero, idade, e escolaridade que o tipo de variação que ganhou maior destaque foi a variação diatópica, por observar variantes em localidades diferentes, porém inseridos na mesma prática de trabalho, como a Comunidade Hebrôm e São Benedito do Matotuí, ambas marcadas por suas especificidades históricas, culturais, sociais, econômicas, geográficas, com um único aspecto semelhante, a agricultura familiar muito comum no interior paraense.

Dessa forma, constatou-se a importância da preservação de práticas sociais como esta, bem como os dados fornecidos para pesquisa, ao constatar que os fatores analisados exercem influência direta na formação do vocabulário dos indivíduos da região, seja exercendo ou não o tipo de trabalho, considerado uma herança familiar dos indivíduos. Por fim, a realização desta pesquisa não esgota os caminhos a serem tomados por outros pesquisadores, na verdade apenas inicia e realiza contribuições introdutórias na área.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M. do S. de. A fraseologia como marca do léxico regional popular. *In*: COSTA, D. de S. S; BENÇAL, D. R. (org.) **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2016.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminologia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. *In*: **Anais do II Simpósio Latino-Americano de Terminologia**. I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico-Científica. Brasília, 1990, pp. 152-158.
- BARROS FERREIRA, M. B. et al. Variação linguística: perspectiva dialectológica. *In*.: FARIA, I. H. et al. **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996.
- BORBA, F. S. *Léxico e herança social*. *In*: MARCHEZAN, R. C; CORTINA, A. (Org.). **Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito**. 1ª edição. Araraquara: Cultura Acadêmica Editora, 2006, v. 10, pp. 81-96.
- COELHO, I. L.; GORSKI, E. M. NUNES DE SOUZA, C. M.; MAY, G. H. **Para conhecer Sociolinguística**. 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2015.
- DIEDRICH, M. H. Estudos lexicais: lexicologia, lexicografia e metalexigrafia. *In*: SANTOS, G. M; SERRA, L. H; SILVEIRA, T. S. (orgs.) **Estudos do Léxico geral e especializado**: teorias e aplicações. Catu: Bordô-Grená, 2021, pp. 143-157.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FORQUILHA. *In*: **DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa**, 2021. Disponível em: [dicionario.priberam.org/forquilha](http://dicionario.priberam.org/forquilha). Acesso em: 30 ago. 2023.
- FRANÇA NETO, J. I. Variação Lexical do Português: um estudo comparativo entre o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza e Atlas Regionais Brasileiros. **Revista Comsertões**, v. 1, p. 1, 2018.
- FREITAG, R. M. K.; LIMA, G. de O. S. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Cesad-UFS, 2010.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. São Paulo: Altas, 2008.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

### TEMÁTICA LIVRE

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2017.

OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011.

PAULISTA, M. L. L. Variação linguística: primórdios, conceitos e metodologia. **Revista Ecos**, 2022.

RIBEIRO, R. M. P. Muito além das palavras e sentidos: uma breve introdução à semântica. *In*; PINTO, D. C. de M.; COELHO, F. A. C. (orgs.) **Introdução à semântica**. Rio de Janeiro. Fundação Cecierj, 2016, pp. 7-32.

SANCHES, R. D.; SILVA, M. S. C. da. Variação semântico-lexical no Amapá. **Linguística**. Rio de Janeiro, volume 10, número 1, junho de 2014, pp. 299-315.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

TARALLO, F.; ALKMIN, T. **Falares crioulos**: línguas em contato. Editora Ática, 2007.

Recebido em: 14/06/2024

Aceito em: 03/09/2024

Publicado em: 08/03/2025

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

**THE NOMENCLATURE OF SUBSISTENCE AGRICULTURE  
UTENSILS FROM A SEMANTIC-LEXICAL PERSPECTIVE:  
A STUDY IN THE RURAL AREA OF IRITUIA - PA**

**Eliete Cristina de Lima Rodrigues**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

([cristinaeliete38@gmail.com](mailto:cristinaeliete38@gmail.com))

**Rosiellem Cabral dos Passos de Almeida**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

([ellemcabral@gmail.com](mailto:ellemcabral@gmail.com))

**Mayra Natalya Balbino de Souza**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

([natalyamayra12@gmail.com](mailto:natalyamayra12@gmail.com))

**ABSTRACT**

This article presents a research study that aimed to investigate semantic-lexical variation in the nomenclature of subsistence farming tools in rural communities in Irituia-PA. To this end, the theoretical basis was sought in the respective bibliographies: Bagno (2007), Coelho (2015), Aragão (2016), Ribeiro (2016), Sanches (2014), among others. In the methodology, the qualitative-quantitative procedure was selected, through the application of a semantic-lexical questionnaire to the subjects participating in the research, as a way of investigating the existence of variations in the lexicon between the communities researched. In the results, it was possible to systematize the variants and identify occurrences in the daily speech of individuals, through diatopic variation, concluding that social practices are directly linked to the vocabulary formation of individuals from the interior of Pará, whether or not they carry out the type of work, considered a family inheritance among individuals.

**Keywords:** Subsistence Agriculture; Lexical Variation; Sociolinguistics.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)

**LA NOMENCLATURA DE LOS INSTRUMENTOS DE LA AGRICULTURA  
DE SUBSISTENCIA DESDE UNA PERSPECTIVA SEMÁNTICO-LÉXICA:  
UN ESTUDIO EN LA ZONA RURAL DE IRITUIA - PA**

**Eliete Cristina de Lima Rodrigues**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

([cristinaeliete38@gmail.com](mailto:cristinaeliete38@gmail.com))

**Rosiellem Cabral dos Passos de Almeida**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

([ellemcabral@gmail.com](mailto:ellemcabral@gmail.com))

**Mayra Natalya Balbino de Souza**

Universidade do Estado do Pará (UEPA)

([natalyamayra12@gmail.com](mailto:natalyamayra12@gmail.com))

**RESUMEN**

Este artículo presenta una investigación que tuvo como objetivo general investigar la variación semántico-léxica en la nomenclatura de herramientas agrícolas de subsistencia en comunidades rurales de Irituia-PA. Para ello se buscó base teórica en las respectivas bibliografías: Bagno (2007), Coelho (2015), Aragão (2016), Ribeiro (2016), Sanches (2014), entre otras. En la metodología se seleccionó el procedimiento cuali cuantitativo, mediante la aplicación de un cuestionario semántico-léxico a los sujetos participantes de la investigación, como forma de investigar la existencia de variaciones en el léxico entre las comunidades investigadas. En los resultados, fue posible sistematizar las variantes e identificar ocurrencias en el habla cotidiana de los individuos, a través de la variación diatópica, concluyendo que las prácticas sociales están directamente vinculadas a la formación del vocabulario de los individuos del interior de Pará, realicen o no el tipo de trabajo, considerado una herencia familiar entre particulares.

**Palabras-clave:** La agricultura de subsistencia; Variación Léxica; Sociolingüística.

**TEMÁTICA LIVRE**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 13	n. 2	1-30
----------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

[publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about)